

---

# *MUDAR É DIFÍCIL, MAS É POSSÍVEL E URGENTE:* Um novo sentido para o Projeto Político-Pedagógico da escola

Ana Maria Saul  
Alexandre Saul

## **MUDAR É DIFÍCIL, MAS É NECESSÁRIO E URGENTE**

Essa é a epígrafe de Paulo Freire em seu livro *Educação na Cidade*, no qual são apresentadas entrevistas que registram o trabalho a ser desenvolvido em sua gestão<sup>1</sup> à frente da Secretaria Municipal da Educação de São Paulo. Em uma delas, Freire apresenta a sua proposta de política educativa, referindo-se ao que chamou coloquialmente de ‘mudar a cara da escola’. Assinala<sup>2</sup>, porém, que as condições para a mudança são a ‘insatisfação com a cara que a gente tem’ e, sobretudo, ‘ter um projeto novo ou um projeto diferente para essa cara’.

Ter um projeto novo na direção de uma escola democrática, mais justa e solidária, que trabalhe para superar as diferentes formas de discriminação, aberta à comunidade, para que essa participe efetivamente do currículo; uma escola que assume compromisso com a apropriação e o desenvolvimento de conhecimentos significativos a partir das necessidades, conhecimentos e cultura dos educandos, é difícil, mas é necessário e urgente, como diz Paulo Freire.

Esse texto tem o objetivo de apresentar um quadro de referência, representado em uma trama conceitual<sup>3</sup>, inspirada na matriz de pensamento de Paulo Freire, para estimular e subsidiar as equipes escolares na atribuição de um novo significado ao Projeto Político Pedagógico (PPP) das escolas, bem como em relação ao processo de sua elaboração. Esse instrumento, o PPP tem se caracterizado como um documento que registra as decisões de planejamento do ano escolar, por exigência dos órgãos que definem as políticas mais amplas da educação. De modo geral, o PPP é elaborado no começo do ano letivo e depois é entregue às instâncias de supervisão da Secretaria da Educação. A partir daí a escola sente-se livre e aliviada por já ter cumprido essa tarefa.

---

<sup>1</sup> Paulo Freire assumiu a pasta da Educação, no Município de São Paulo, no período 1989 a 1991. A política educacional por ele proposta foi mantida pelo professor Mario Sergio Cortella, indicado por Freire e pela prefeita, para prosseguir na Secretaria até o final do mandato de Luiza Erundina de Sousa. Por isso, todo o período dessa gestão é conhecido como ‘gestão Paulo Freire’.

<sup>2</sup> Reorientação curricular. Vídeo dirigido aos professores da SME/SP, em 1989, disponível no YouTube.

<sup>3</sup> A trama conceitual, seu conceito e explicitação, será apresentada nos itens 4 e 5 desse artigo.

---

O que se pretende por em discussão, nesse texto, é a possibilidade de que esse instrumental de trabalho, tanto em seu planejamento como em sua execução, seja um registro dinâmico de decisões do currículo como expressão viva e significativa do que acontece/acontecerá na escola, constituindo-se em um bom pretexto para abrir espaço a uma reflexão crítica sobre a realidade concreta, estimulando a transformação de práticas e gerando ações coletivas comprometidas com a luta por justiça social. Por essa razão o PPP não pode ser tomado como um projeto, em sua acepção exclusivamente dicionarizada<sup>4</sup>, ou seja, como *1. ideia, desejo, intenção de fazer ou realizar (algo), no futuro; plano; 2. descrição escrita e detalhada de um empreendimento a ser realizado; plano, delineamento, esquema*. De sua raiz etimológica, depreende-se que o vocábulo projeto, de origem latina, *projectus, us significa 'ação de lançar para a frente, de se estender, extensão'*.

Todo o projeto pedagógico traz, de modo explícito, ou implícito, uma concepção de educação e é justamente essa compreensão que caracteriza a dimensão política do projeto. Vale dizer, portanto, que a escolha de uma matriz de pensamento educacional é o que diferencia, na radicalidade, um projeto político pedagógico de outro.

O pensamento de Paulo Freire, referencial que será utilizado nesse texto, na tessitura de uma nova compreensão do PPP, como crivo de análise/avaliação e roteiro de ação, justifica-se por apresentar uma opção de educação a favor da emancipação do ser humano e de uma escola na qual se trabalhe tendo em vista a construção de um conhecimento crítico-libertador.

O PPP precisa ser resposta a uma demanda que decorre da leitura da realidade. E, por isso, é importante considerar que esse projeto “nunca está pronto”, isto é, ele se faz e se refaz durante todo o ano escolar porque a escola pode apresentar novas necessidades, além do fato de que a avaliação contínua das decisões tomadas pode mostrar novos rumos.

A escola brasileira tem, desde 1996, garantida a autonomia para propor o seu Projeto Político Pedagógico. A elaboração do PPP responde à legislação vigente, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), lei 9.394/96, que regulamenta, em seus artigos 12, 13 e 14, a elaboração e execução do projeto pedagógico das escolas, com a participação dos profissionais da educação.

---

<sup>4</sup> Dicionário Houaiss da língua portuguesa.

---

## A ATUALIDADE DO PENSAMENTO DE PAULO FREIRE

Paulo Freire recebeu em 2012, a maior honra na área da educação, no Brasil, ao ser declarado Patrono da Educação<sup>5</sup> e em 2013, comemorações em diferentes estados e cidades brasileiras destacam o 50º aniversário da 1ª turma do *método Paulo Freire*<sup>6</sup>, experiência realizada em Angicos, Rio Grande do Norte. Nascido em Recife, nordeste do Brasil, em 1921, é reconhecido internacionalmente como um dos maiores educadores do Século XX, por ser autor de uma pedagogia a favor da libertação dos oprimidos. O golpe militar de 1964, no Brasil, obrigou-o a um exílio de 16 anos em diversos países do mundo. Freire dedicou-se, nesses países, a um trabalho de transformação de contextos sociais opressores, lutando a favor da emancipação dos oprimidos, por meio de uma educação problematizadora. O seu retorno ao Brasil somente foi possível em 1980, após a Lei da Anistia. A convite do então arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns, ingressou no quadro de professores da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Nessa instituição de ensino atuou como docente e orientador de pesquisas durante os últimos dezessete anos de sua vida

A obra de Paulo Freire, incluindo mais de vinte livros dos quais ele é o único autor, vem sendo reeditada em vários países do mundo. O seu livro mais importante, *Pedagogia do Oprimido*, foi traduzido em mais de vinte idiomas. A *Pedagogia da Autonomia*, seu último livro publicado enquanto vivia, já ultrapassou a marca de um milhão de exemplares. Tal projeção confere ao conjunto de suas produções o caráter de uma obra universal que se destaca na literatura educacional, nos depoimentos de importantes autores, em diferentes países, no reconhecimento de seu trabalho por importantes Universidades<sup>7</sup> e no crescente número de pesquisas que se apoiam no referencial de Freire.

Michael W. Apple, professor da Universidade de Wisconsin/USA, um dos mais conhecidos especialistas internacionais na área do currículo e na análise de políticas educacionais, destaca que:

[Paulo Freire] é importante para toda essa imensidão de pessoas, para muitos países, que reconhecem que a nossa tarefa é "dar nome ao mundo", construir coletivamente uma educação que é, simultaneamente, anti-hegemônica e parte do mais vasto campo de batalha sobre o que significa alfabetização, quem a deveria controlar, e como a alfabetização crítica (o que ele denominou de conscientização)

---

<sup>5</sup> Em recente lei federal, promulgada em 13 de abril de 2012, assinada pela Presidenta Dilma Roussef, Paulo Freire foi declarado Patrono da Educação Brasileira. O projeto de lei foi de autoria da deputada Luiza Erundina de Sousa.

<sup>6</sup> A proposta de alfabetização de Paulo Freire, que partia do universo vocabular e das situações de opressão, vivenciadas pelos educandos, em seus contextos cotidianos, buscava, para além do ensino da leitura e da escrita da palavra, as razões de ser dessas situações e as respostas e ações coletivas para sua transformação.

<sup>7</sup> Foram outorgados, a Paulo Freire, quarenta e um títulos de Doutor Honoris Causa.

---

está ligada a lutas reais, por pessoas reais, em comunidades reais. (APPLE apud APPLE; NÓVOA, 1998, p. 23-24).

O professor António Nóvoa, professor da Universidade de Lisboa/ Portugal, autor de diversas obras científicas no domínio da Educação, assim escreve:

A vida e a obra de Freire estão inscritas no imaginário pedagógico do século XX, constituindo uma referência obrigatória para várias gerações de educadores. [...] As propostas por ele lançadas foram sendo apropriadas por grupos distintos, que as realocalizaram em vários contextos sociais e políticos. [...] A partir de uma concepção educativa própria, que cruza a teoria social, o compromisso moral e a participação política, Paulo Freire é, ele próprio, um patrimônio incontornável da reflexão pedagógica atual. A sua obra funciona com uma espécie de consciência crítica, que nos põe em guarda contra a despolitização do pensamento educativo e da reflexão pedagógica. (NÓVOA apud APPLE; NÓVOA, 1998, p. 185).

A atualidade do pensamento de Paulo Freire vem sendo demonstrada pela multiplicidade de trabalhos teórico-práticos que se desenvolvem, tomando o seu pensamento e a sua prática como referências, em diferentes áreas do conhecimento, ao redor do mundo. A crescente publicação de suas obras, em dezenas de idiomas e a ampliação de fóruns, cátedras e centros de pesquisa criados para pesquisar e debater o legado freiriano<sup>8</sup>, são indicações da grande vitalidade do seu pensamento.

Escreve Cortella (2011) que o pensamento de Freire é novo e atual no sentido de que [o que é novo] se instala, muda e permanece; anima e inspira. E acrescenta: Freire é um clássico porque o seu trabalho não perdeu vitalidade, não perdeu irrigação, conexão com a vida e com o sangue que a vida partilha e emana. Nesse mesmo texto, Cortella, faz menção a um debate na PUC/SP, onde perguntou a Paulo Freire se ele se considerava um clássico. E Freire responde:

Sou um clássico sim. Não porque subjetiva e presunçosamente deste modo me considere, mas porque como clássico sou considerado por todas aquelas e todos aqueles que encontram em minha obra um instrumento para enfrentar um clássico problema: a existência de opressores e oprimidos. (FREIRE apud CORTELLA, 2011, p.12).

A biografia de Freire registra, também, uma importante face de sua atuação, a de gestor público na área da educação, na cidade de São Paulo, a convite de Luiza Erundina de Sousa, prefeita eleita do Partido dos Trabalhadores, no ano de 1989.

---

<sup>8</sup> O uso deliberado do adjetivo freiriano e suas flexões, assumidos nesse texto e em produções da Cátedra Paulo Freire da PUC/SP, é uma questão de preferência, pela compreensão de que a manutenção da grafia integral do sobrenome do autor destaca com mais vigor a proveniência, a origem das produções, ou seja, o pensamento de Freire. Em alguns redutos acadêmicos significativos seguiu-se, pois, o seguinte critério: à ortografia original do antropônimo, foi acrescentado o sufixo ano, resultando no adjetivo freiriano.

---

À frente da Secretaria Municipal da Educação da cidade de São Paulo (SME/SP), Paulo Freire trabalhou por uma educação pública, popular e democrática, lema de sua gestão, para crianças, jovens e adultos. A teoria e a prática da gestão Paulo Freire têm sido inspiradoras para várias redes de ensino no Brasil que se comprometem com a educação crítico–emancipadora e assumem o desafio de reinventar o legado freiriano.

### **A CÁTEDRA PAULO FREIRE DA PUC/SP**

Paulo Freire foi docente do Programa de Educação: Currículo da PUC/SP, desde sua volta do exílio. Quando ele já não estava entre nós, em sua homenagem, a Universidade criou, no segundo semestre de 1998, a Cátedra Paulo Freire, sob a direção do Programa de Pós-Graduação no qual Freire trabalhou durante 17 anos.

A Cátedra é um espaço singular para o desenvolvimento de estudos e pesquisas sobre e a partir da obra de Paulo Freire, focalizando as suas repercussões teóricas e práticas na Educação e a sua potencialidade de fecundar novos pensamentos.

Os estudos sobre Paulo Freire, nesse espaço, visam a estudar criticamente o seu pensamento para compreendê-lo e reinventá-lo. A reinvenção do legado freiriano tem sido compreendida, na Cátedra Paulo Freire, como a releitura crítica da obra do autor cuidando, no entanto, de não descaracterizar as suas propostas fundamentais, tomando-as como crivos críticos para a discussão dos novos campos de conhecimento e questões do mundo atual. Sobretudo, o grande desafio da reinvenção do pensamento freiriano está em construir e sistematizar uma práxis coerente com os princípios fundamentais de sua obra. Rejeita-se, pois, qualquer compreensão de reinvenção que possa significar rompimento com o pensamento do autor para que se “faça tudo de novo”.

O trabalho que vem se construindo na Cátedra tem o compromisso de não dicotomizar ensino e pesquisa, teoria e prática. Nessa perspectiva, dialoga-se com a prática em dois contextos que interagem e se interpenetram: o do ensino e o da pesquisa.

A pesquisa que se desenvolve na Cátedra: Paulo Freire na atualidade: legado e reinvenção tem os objetivos de a) Identificar e analisar a presença e reinvenção do pensamento de Paulo Freire em sistemas públicos de educação, a partir da década de 1990; b) Congregar e articular pesquisadores-professores e pós-graduandos - de várias regiões do país, constituindo uma rede freiriana de pesquisadores; c) Subsidiar o fazer político-pedagógico de redes públicas de educação e d) Documentar e divulgar os resultados da pesquisa em periódicos científicos e em eventos nacionais e internacionais.

---

Por intermédio dessa pesquisa, a Cátedra Paulo Freire/PUC-SP vem construindo um diálogo interinstitucional com vistas à construção e consolidação de uma rede freiriana de pesquisadores. Integram a Rede, nesse ano (2013), uma equipe de 28 pesquisadores sediados em 10 estados brasileiros, vinculados a 14 Programas de Pós-Graduação das seguintes Universidades: UFPA, UEPA, UECE, UFRN, UFPB, UFPE, PUC/MG, PUC/SP, UFSCar, USP, UEPG, UFSC, UNISINOS e UNOCHAPECÓ. Essa Rede conta com a assessoria de 04 consultores, professores da PUC/SP, UNICAMP, Universidade do Minho/PT e Universidade de Wisconsin-Madison/USA.

### **A CONSTRUÇÃO DE TRAMAS CONCEITUAIS FREIREANAS**

Para Paulo Freire, os acontecimentos da vida compõem tramas historicamente situadas e sujeitas a múltiplos condicionamentos. “Carregamos conosco a memória de muitas tramas, o corpo molhado de nossa história, de nossa cultura” (1994, p.17). Cabe ao ser humano “puxar os fios” dessas tramas para compreendê-las e agir em uma direção contra-hegemônica, possibilitando o caminhar no sentido da libertação.

Freire nos desafia a não olhar as palavras isoladamente, mas na moldura das tramas às quais elas se encontram imbricadas. Isso permite uma compreensão totalizante e dinâmica dos conceitos, explorando suas relações de interdependência e diferentes ângulos de explicação e análise.

Desde o ano de 2001 a Cátedra Paulo Freire vem utilizando a prática de construção de tramas conceituais (SAUL et al., 2012) como forma de trabalhar com conceitos apresentados na obra de Paulo Freire. O que faz com que as tramas sejam possíveis é o caráter relacional do pensamento desse autor. De acordo com Freire (1979, p. 62), “[...] o conceito de relações da esfera puramente humana guarda em si conotações de pluralidade, de criticidade, de consequência e de temporalidade”. Tais conotações decorrem da compreensão de ser humano desse autor como sendo um ser inacabado, historicamente situado e que não só está no mundo mas com ele, estabelecendo relações que lhe permitem apreender a realidade para nela interferir em uma perspectiva transformadora.

Os conceitos implicam-se mutuamente em diversas direções possíveis. Embora plural, a construção da trama conceitual freiriana requer atenção ao fato de que as articulações propostas respeitem a lógica interna da obra de Freire. A trama pode integrar diferentes conceitos abarcados pela obra, tendo em vista explicitar a leitura que o autor dessa construção faz da relação entre os conceitos.

---

Para além de uma representação gráfica de conceitos e de sua organização, as tramas conceituais freirianas têm conexão com uma dada realidade e buscam explicar e/ou inspirar ações de transformação dessa realidade. É aqui que se encontra o movimento de criar, recriar e decidir que permite a integração e não a acomodação ao seu contexto (FREIRE, 1979).

A elaboração de tramas conceituais freirianas para o desenvolvimento de pesquisas, ou em contextos de ensino-aprendizagem, requer do pesquisador/educador a construção de representações que incluem conceitos que se unem, uns aos outros, a partir de um conceito central.

Todos esses conceitos são selecionados com base nos interesses epistemológicos e necessidades de quem constrói a trama, devendo ser rigorosamente compreendidos no contexto da proposição da obra de Paulo Freire. Entende-se, pois, que toda a trama é motivada por um objeto de estudo do seu autor. Por isso, as relações da trama podem variar, mesmo quando se propõem à compreensão/explicação de um mesmo conceito central.

As conexões entre os conceitos são representadas por setas e palavras que buscam dizer da relação que existe entre os mesmos, na perspectiva do pesquisador e/ou docente, autor da trama. As setas podem ter uma direção única ou dupla. Quando há uma única direção quer dizer que foi identificada uma articulação que se dirige de um para outro conceito, significando causalidade, dependência, associação, etc. Quando a seta apresenta duas direções significa que a articulação encontrada pode ter sua origem em ambos os conceitos relacionados, demonstrando o caráter de reversibilidade na relação encontrada.

Essa prática tem sido utilizada com dupla finalidade: a primeira delas é a de ajudar o pesquisador a visualizar como os conceitos freirianos podem ser articulados para atender aos propósitos de sua pesquisa: compreender um fenômeno ou uma situação, propor ou avaliar políticas e práticas educativas. A segunda finalidade tem função didática, ou seja, pode ser utilizada em situações de ensino-aprendizagem para a compreensão e aprofundamento de conceitos da obra freiriana.

A trama conceitual freiriana assume o compromisso com a radicalidade do pensamento de Paulo Freire e desafia o seu autor a explicitar quais são os conceitos fundamentais que demonstram a natureza, as condições de viabilização, os limites e a intencionalidade do conceito central a ser compreendido.

## UMA TRAMA CONCEITUAL PARA RESIGNIFICAR O PPP NO CONTEXTO DOS REFERENCIAIS FREIREANOS

Compreendido como um documento dinâmico que reflete e registra decisões do currículo da escola, a resignificação do PPP passa necessariamente por importantes aspectos do currículo em suas dimensões política, epistemológica e metodológica. A trama conceitual, a seguir, compõe-se de conceitos da obra de Paulo Freire relacionados com o currículo e o PPP de modo que essa construção possa se constituir em um crivo de análise/avaliação do PPP da escola e/ou em roteiro para um novo PPP.

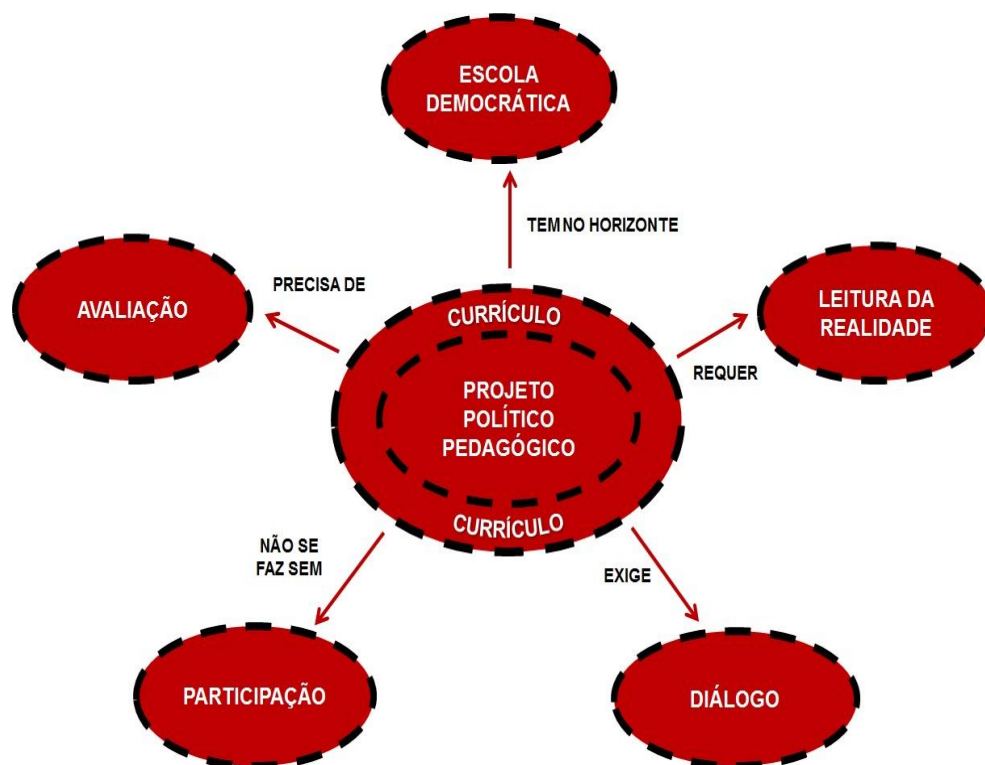


Figura 1 – Trama conceitual freiriana “Projeto Político-Pedagógico”

### PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO E A ESCOLA DEMOCRÁTICA

A proposta político-pedagógica da gestão Paulo Freire: a construção de uma escola pública popular e democrática instalou uma nova lógica no processo de construção curricular na realidade brasileira mostrando que é possível e desejável fazer do currículo uma história escrita pelos professores. Isto quer dizer, uma história em que os professores criam e recriam o currículo, entendido este como uma prática social, exercendo assim o direito de “pensar, fazer e experienciar currículo” a partir da decisão de qual é o currículo que interessa e respondendo conscientemente às questões: currículo para quem? currículo para quê? currículo a favor de quem? A prática desta nova lógica de construção curricular considerou todo o tempo a necessária “participação” dos educadores



---

dando ênfase ao “trabalho coletivo” nas escolas e desenvolvendo um programa de formação permanente dos educadores, entendido como condição para a ‘mudança da cara da escola.’

Na perspectiva freiriana, currículo é a política, a teoria e a prática do *quefazer* na educação, no espaço escolar e nas ações que acontecem fora desse espaço, numa perspectiva crítico-transformadora. (SAUL, 2010, p.109). Essa compreensão amplia o conceito restrito de currículo, entendido somente como grade e tópicos de conteúdo.

Decisões sobre o *quefazer* na educação passam necessariamente por questões que assim se explicitam: Que escola queremos? A favor de quem fazemos educação? Que ser humano queremos formar? Que sociedade queremos?

As respostas a essas questões trazem a utopia que será expressa no currículo e necessariamente no PPP.

A utopia é um horizonte, um leme que guia as ações. As decisões registradas nesse projeto pedagógico são as propostas de concretização dos sonhos em relação a uma escola que se propõe com qualidade social.

O sonho é o motor da transformação. Nas palavras de Paulo Freire: “Sem sonhos não há vida, sem sonhos não há seres humanos, sem sonhos não há existência humana.” (FREIRE, P.; FREIRE, A. M.; OLIVEIRA, W., 2009, p. 41). Para que os sonhos se tornem possíveis, em uma perspectiva utópica - de um tempo que ainda não veio, é preciso trabalhar e educar a esperança, para que esta não seja uma esperança vã, isto é, pura espera, mera resignação, mas sim, uma esperança ativa, construtora dos alicerces que permitam alcançar o inédito viável.

O sonho, para Paulo Freire, não é delírio, exige ação, dedicação e trabalho. É expressão dos desejos, dos projetos que se tem, da utopia. Galeano, ao citar Birri, desvela o sentido e a necessidade da utopia:

A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar. (GALEANO, 1994, p. 310).

Na obra de Paulo Freire, o sonho possui, também, dimensões éticas e estéticas. Isso se expressa na insistência desse autor pelo sonho de uma escola menos desigual, menos injusta e por isso com mais possibilidades de uma vida plena para todos, ou seja, de uma vida mais bonita.

De acordo com Freire (1991), não há administração ou projetos pedagógicos neutros, “Todo o projeto pedagógico é político e se acha molhado de ideologia. A questão a saber é a favor de que e

---

de quem, contra que e contra quem se faz a política de que a educação jamais prescinde”. (p.44 - 45).

Um PPP que registre a proposta de um currículo crítico isto é, um currículo comprometido com a superação das realidades opressivas, voltado para o desenvolvimento da autonomia dos seres humanos, pode também significar uma forma de resistência aos currículos hegemônicos que se caracterizam como elitistas e “bancários”. Essa opção precisa, necessariamente, se refletir nas práticas educativas dos professores. Chega-se aqui ao coração da tarefa docente pois cabe saber o que é que os professores vão fazer em suas salas de aula. Em outras palavras, que conhecimento vão selecionar, como vão desenvolver o seu trabalho com os educandos e como vão avaliar.

Paulo Freire deixa claro, no entanto, que não há prática educativa sem conteúdo cabendo, porém, perguntar: “Qual é o conhecimento que importa?”. Na proposta freiriana, importam os conhecimentos significativos. Esses conhecimentos construídos em diálogo com os educandos e a partir de suas situações - limite<sup>9</sup> são aqueles que permitem a leitura crítica da realidade, isto é, que ajudam a explicá-la de forma cada vez mais rigorosa, buscando a razão de ser dos fatos em um processo de superação do senso comum e não de ruptura com o *saber de experiência feito*. Os educandos trazem consigo uma visão de mundo permeada de conhecimentos, preocupações, hábitos, desejos, sonhos, sentimentos e medos, que precisam ser conhecidos e respeitados pelos educadores. Para Paulo Freire, é fundamental que o educador respeite esse saber de experiência feito e trabalhe, a partir dele, estimulando a criatividade e a capacidade de leitura do mundo dos sujeitos. Partir dos conhecimentos, dos contextos concretos e das necessidades que os sujeitos trazem é condição, segundo Paulo Freire, para o desenvolvimento de saberes críticos, tendo como horizonte a ampliação de seus direitos e a construção de uma vida digna.

### ***Projeto político pedagógico e leitura da realidade***

A leitura da realidade permite penetrar, desvendar, chegar à intimidade de um objeto de estudo ou de pesquisa, no caso, a escola. A aproximação da realidade concreta possibilita a apreensão de seu contexto, compreendido na sua relação parte-todo, a identificação de seus condicionamentos, contradições, limites e avanços. Ler a realidade da escola implica conhecer a comunidade escolar, suas práticas e necessidades. É importante saber qual é a percepção da comunidade sobre a educação, a escola, o currículo, o que acontece na sala de aula, e como se dá a

---

<sup>9</sup> Situações de opressão e autoritarismo que se constituem em impedimentos para o processo de humanização e libertação dos seres humanos. Freire destaca, porém, que as situações-limites: [...] não devem ser tomadas como se fossem barreiras insuperáveis, mais além das quais nada existisse. [...] [mas também em suas] dimensões desafiadoras dos homens [...] que se dirigem à superação e à negação do dado, em lugar de implicarem na sua aceitação dócil e passiva. (FREIRE, 1987, p. 90).

---

formação dos educadores. A leitura da realidade é um ato de conhecimento crítico e criativo sobre a razão de ser das situações, com vistas a transformá-las.

Freire assim se manifesta sobre a realidade, como algo que não está dado, que não é estático e que envolve, necessariamente, a percepção dos sujeitos que estão em determinados contextos:

Para muitos de nós, a realidade concreta de uma certa área se reduz a um conjunto de dados materiais ou de fatos cuja existência ou não, de nosso ponto de vista, importa constatar. Para mim, a realidade concreta é algo mais que fatos ou dados tomados mais ou menos em si mesmos. Ela é todos esses fatos e todos esses dados e mais a percepção que deles esteja tendo a população neles envolvida. Assim, a realidade concreta se dá a mim na relação dialética entre objetividade e subjetividade. (FREIRE apud BRANDÃO, 1981, p. 44).

É importante destacar que a leitura da realidade não pode significar exclusivamente o levantamento do perfil socioeconômico da comunidade escolar, de suas necessidades e preocupações. Ela deve permitir identificar possibilidades, limites e desafios em relação aos educandos, educadores, ao processo de ensino-aprendizagem, ao processo administrativo e às condições objetivas da escola. Não pode ser um capítulo “congelado” que figura no conjunto do PPP, sem interlocução com os demais capítulos do mesmo, ou seja, o levantamento da realidade precisa dar indicações que subsidiem as decisões curriculares de forma dinâmica porque a realidade é dinâmica e mutável. Vale dizer que o levantamento da realidade precisa ter consequências que se expressam no *quefazer* cotidiano da escola. Isso quer dizer que o levantamento da realidade precisa ser uma prática constante no trabalho de fazer e refazer o Currículo e o PPP.

### ***Projeto político pedagógico e diálogo***

Freire nos ensina que o diálogo não é uma simples conversa, não é um vaivém de informações, não é uma técnica para alcançar resultados ou para fazer amigos. (FREIRE; SHOR, 1986, p. 122). O diálogo não existe num vácuo político, não significa chegar sempre a um consenso, mas também não é “discussão guerreira”, em que se busca vencer. No diálogo confrontam-se argumentos para convencer, o que significa vencer junto.

O diálogo freiriano implica uma partilha de saberes. É condição para a construção de conhecimento, porque, na situação dialógica, a comunicação entre os sujeitos, que estão dialogando, problematiza o objeto de conhecimento, questionando, criticando, avaliando, trazendo novos aportes de informação, enfim, ampliando as dimensões do que é possível saber sobre o objeto a ser conhecido/reconhecido. Para Paulo Freire, o diálogo é “[...] uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade (Jaspers). Nutre-se de amor, de humanidade, de esperança, de fé, de confiança”. (FREIRE, 1987, p. 68).

---

O diálogo, na elaboração de um PPP requer que se estabeleça uma relação horizontal entre os sujeitos, porque pressupõe que todos sabem alguma coisa, saberes críticos ou não. É justamente essa condição que permite a produção de novos conhecimentos em diálogo, contextualizados pelo momento histórico e com intencionalidade política.

Vale ressaltar que a dificuldade que se tem em dialogar, na educação, remonta à história da sociedade brasileira e a pouca experiência com o diálogo, tal como compreendido por Paulo Freire. Isso porque se trata de uma história marcada pelo autoritarismo e pela pedagogia bancária, assim denominada por Paulo Freire, caracterizada pela transmissão de informações e por uma didática, cuja ideia central é que somente o professor ensina e o aluno aprende. Assim, Freire se manifesta em sua crítica a essa educação antidialógica:

Enquanto na prática “bancária” da educação, antidialógica por essência, por isto, não comunicativa, o educador deposita no educando o conteúdo programático da educação, que ele mesmo elabora ou elaboraram para ele, na prática problematizadora, dialógica por excelência, este conteúdo, que jamais é “depositado”, se organiza e se constitui na visão do mundo dos educandos, em que se encontram seus temas geradores. (FREIRE, 1987, p. 102).

### ***Projeto político pedagógico e participação***

A proposta de um PPP que estabelece compromisso com a educação democrática respeita as diferenças e trabalha a partir delas para avançar nas diversas dimensões do processo educativo, trabalhando com diferentes linguagens, características geracionais, etnias e ritmos de aprendizagem. A participação, na perspectiva freiriana, implica direito de decidir e intervir e o dever de não se omitir. Em Educação na Cidade, Freire expressa sua concepção de participação.

Para nós, a participação não pode ser reduzida a uma pura colaboração que setores populacionais devessem e pudessem dar à administração pública. [...] Implica, por parte das classes populares, um “estar presente na História e não simplesmente nela estar representadas”. Implica a participação política das classes populares através de suas representações, no nível das opções, das decisões e não só do fazer o já programado. [...] Participação popular para nós não é um slogan, mas a expressão e, ao mesmo tempo, o caminho para a realização democrática da cidade. (FREIRE, 1991, p. 75).

Participação, na proposta de Paulo Freire, implica, pois, uma ação compartilhada, coparticipada entre os sujeitos, em que todos possam “ter voz”, decidir em diferentes níveis de poder e construir uma cidadania para além do papel. Nesse sentido, um PPP, como ação cultural, na escola, trabalha a favor da inclusão dos sujeitos, colaborando para que aqueles, que dela participam, possam descobrir-se como seres capazes de um fazer coletivo em prol da transformação de tudo o que oprime.

---

A ideia do fazer coletivo, do fazer junto, é também explicitada, com pertinência, por Cortella, ao se referir ao mutirão associado ao diálogo freiriano.

A palavra “mutirão” tem origem no idioma tupi. A nação tupi usava a palavra “mutirão” para o trabalho que é feito junto. E a expressão em tupi vem da junção de duas ideias: a noção de tiron, que significa “junto” e po, que é “mão”. Por isso, a noção de potiron é a noção de mãos juntas. E daí que vem para nós a noção de mutirão. [...] Homens e mulheres que se juntam no dia-a-dia e na história para construir uma outra realidade. Para fazer o inédito viável. [...] A noção de diálogo em Paulo Freire é parte da essência do mutirão. Isto é, as mãos juntas são fortes, porque são juntas, não porque são mãos. E a “juntidade”, para usar uma expressão que ele usaria, dessas mãos é que dá a elas força. (CORTELLA, 2010, p. 9).

Para a elaboração do PPP, o que se espera da comunidade escolar são contribuições, de diferente natureza, que expressam diversos níveis de participação. É importante saber o que pensam os professores, os demais educadores da escola, os educandos e suas famílias, a respeito das decisões curriculares que integram/integrarão o PPP. Mais que isso, é importante que essas percepções sejam discutidas e problematizadas para que possam interferir nas decisões.

Nesse sentido, é importante considerar que participação implica poder de decisão e que essa é uma condição para se conquistar, cada vez mais, níveis de autonomia. Algumas vezes, a propósito da participação dos educandos no planejamento e no desenvolvimento do PPP, se questiona o fato de que grupos de educandos ainda não sabem, ou não estão prontos para participar. No entanto, como nos lembra Freire, é na prática da participação que se aprende a participar.

### ***Projeto político pedagógico e avaliação***

O Projeto Político Pedagógico precisa, necessariamente, de avaliação, para que a escola saiba o que vai bem em suas práticas, o que precisa ser substituído e o que precisa ser aprofundado e complementado. O processo da avaliação é o que faz com que o PPP esteja sempre se reformulando, durante todo o ano letivo. Assim, ele não será um documento que ficará arquivado, porque pronto, na escola ou na Secretaria da Educação. Haverá sempre um movimento de acréscimo, substituição, aprofundamento do que foi decidido, na perspectiva de reinvenção de propostas e ações.

Paulo Freire expressou em sua prática de educador e, em muitas de suas obras, uma posição muito clara a respeito da relação entre a avaliação e as práticas educativas. Para ele, existe uma relação que se pode dizer “vital” entre a prática docente e a avaliação. Em suas palavras: “O trabalho de avaliar a prática jamais deixa de acompanhá-la. A prática precisa de avaliação como os peixes precisam de água e a lavoura da chuva.” (FREIRE, 1989, p.84).

---

E acrescenta:

[...] Não é possível praticar sem avaliar a prática. Avaliar a prática é analisar o que se faz, comparando os resultados obtidos com as finalidades que procuramos alcançar com a prática. A avaliação da prática revela acertos, erros e imprecisões. A avaliação corrige a prática, melhora a prática, aumenta a nossa eficiência. (FREIRE, 1989, p. 84).

Na Prefeitura de São Paulo (1989-1991), ocasião em que Paulo Freire esteve à frente da pasta da Educação, ao discutir com os educadores, ele insistia na defesa de práticas democráticas de avaliação. Assim, repudiava as práticas avaliativas autoritárias que estivessem a serviço da domesticação.

Os Sistemas de Avaliação Pedagógica de alunos e de professores vêm se assumindo cada vez mais com discursos verticais, de cima para baixo, mas insistindo em passar por democráticos. A questão que se coloca a nós, enquanto professores e alunos críticos e amorosos da liberdade, não é, naturalmente, ficar contra a avaliação, de resto necessária, mas resistir aos métodos silenciadores com que ela vem sendo às vezes realizada. A questão que se coloca a nós é lutar em favor da compreensão e da prática da avaliação enquanto instrumento de apreciação do que fazer de sujeitos críticos a serviço, por isso mesmo, da libertação e não da domesticação. Avaliação em que se estimule o “falar a” como caminho do “falar com”. (FREIRE, 1997, p. 130).

Paulo Freire, nesse extrato de sua obra *Pedagogia da Autonomia*, permite que se observe a íntima relação entre a sua proposta de educação libertadora - que é o coração de sua pedagogia - e as indicações para uma avaliação a serviço de uma intencionalidade democrática.

### **O PPP E OS REFERENCIAIS FREIREANOS: NÃO NASCEMOS PRONTOS**

A escola e os educadores que optarem por construir e desenvolver o projeto pedagógico com referenciais freirianos precisarão se experienciar nessa proposta. Considerando que os educadores não nascem prontos e também que as formações recebidas nem sempre dão ênfase a esse quadro de referência para pensar e fazer educação, cabe perguntar: o que fazer?

Não basta fazer, se bem que necessário se faz, opção por um currículo, na moldura de uma educação crítica (APPLE, 2013) que se expressa em um PPP que carrega os princípios da pedagogia freiriana. Não é suficiente, também, conhecer os conceitos de uma trama conceitual freiriana que permitem tornar a escola mais democrática. Mais que isso, é necessário um saber/fazer. E esse saber/fazer requer formação dos educadores. Mas, qual é a formação que pode possibilitar esse saber/fazer?

---

## A FORMAÇÃO PERMANENTE DOS EDUCADORES

[...] devemos partir da ideia de que [os textos curriculares] não constituem em si mesmos a terra prometida, mas podem ser um mapa melhor ou pior para sua busca. O problema é ter consciência de seu valor operativo limitado, lembrando que boa partitura não é música, nem o mapa é terreno. É útil quando o texto que codifica a música é tomado por bons músicos e há bons instrumentos. Dar demasiada ênfase ao texto e não prestar atenção às condições e aos agentes da execução [...] é pensar que, mais do que uma partitura, são fichas perfuradas do órgão em que o executante, com voltas regulares da manivela, converte mecanicamente em melodias.

Gimeno Sacristán

A cultura de programas de formação de professores, de modo geral marcada pela transmissão de conhecimento, aliada à história de vida de professores que nem sempre trazem valores alinhados com as propostas freirianas e mais, condições objetivas de circunstâncias de vida e de trabalho, instalam muitos professores em situações de desesperança.

Paulo Freire oferece uma referência importante ao apresentar e discutir a sua compreensão e prática sobre a formação permanente dos educadores<sup>10</sup>. O autor esclarece que não há prática educativa neutra cabendo, portanto, indagar: Para que formar professores? Como formar professores? A favor de quem formar professores?

A formação permanente a que ele se refere, na busca de respostas a essas questões, implica a compreensão de que o ser humano é um ser inconcluso e tem sempre a perspectiva de “ser mais”. É nessa compreensão que a educação permanente faz sentido.

Em sua obra *Política e Educação*, Paulo Freire apresenta os fundamentos da educação permanente:

A educação é permanente não porque certa linha ideológica ou certa posição política ou certo interesse econômico o exijam. A educação é permanente na razão, de um lado, da finitude do ser humano, de outro, da consciência que ele tem de sua finitude. Mais ainda, pelo fato de, ao longo da história, ter incorporado à sua natureza “não apenas saber que vivia mas saber que sabia e, assim, saber que podia

---

<sup>10</sup> Em suas obras, Paulo Freire insiste no tema da docência sob diferentes ângulos, dando ênfase às questões de construção do conhecimento, politicidade da educação, negação do autoritarismo, democracia, diálogo, comunicação, relação teoria e prática, entre outras. Especialmente nas publicações: “Medo e Ousadia - o cotidiano do professor” (1986), “Professora Sim, Tia Não - cartas a quem ousa ensinar” (1993b), *A Educação na Cidade* (1991) e, especialmente, em “Pedagogia da Autonomia - saberes necessários à prática docente” (1997), seu último livro publicado enquanto vivia, Paulo Freire sistematiza suas ideias sobre formação de educadores, inspiradas em sua prática e em sua teoria.

---

saber mais. A educação e a formação permanente se fundam aí. (FREIRE, 1993a, p. 20).

A complementação e a atualização de conhecimentos, embora necessárias, não podem ser tomadas como formação permanente, assim como definida por Freire. Essa tem fundamentos ontológicos que superam um entendimento pragmático de formação e se destina a todo o ser humano em qualquer etapa de sua existência, com vistas à humanização.

Formação permanente é reflexão sobre a prática. Não se muda a prática sem alterar a teoria ou fragmentos de teoria que sustentam essa prática. Porém, não se muda a teoria subjacente às práticas, por superposição de novas teorias. Portanto, é na tensão dialética ação-reflexão-ação que está a possibilidade de transformar a prática educacional.

É fundamental observar, portanto, que não se trata aqui de trazer à tona exclusivamente as práticas, ou a experiência em si, mas sobretudo, trata-se da reflexão que incide sobre a experiência. De acordo com Paulo Freire (1997),

[...] o saber que a prática docente espontânea ou quase espontânea, “desarmada”, indiscutivelmente produz é um saber ingênuo, um saber de experiência feito, a que falta a rigorosidade metódica que caracteriza a curiosidade epistemológica do sujeito. [...] O que se precisa é possibilitar que, voltando-se sobre si mesma, através da reflexão sobre a prática, a curiosidade ingênua, percebendo-se como tal, se vá tornando crítica. (FREIRE, 1997, p. 43).

A proposta de formação permanente tem como exigência o trabalho em um ambiente democrático que permita ao professor ter voz, ampliar suas compreensões sobre a escola e a comunidade escolar, desvelar as situações-limite por ele vivenciada em sua prática docente, *admirar* os avanços que estão sendo conquistados e os espaços possíveis de luta.

## **DESEMBUTIR TEORIAS E DESINSTALAR PRÁTICAS**

A educação permanente está aliada à compreensão de que ela incide sobre a realidade concreta, sobre a realidade prática. Decorre daí o entendimento de que um programa de formação permanente de educadores exige que se trabalhe sobre as práticas que os professores têm. A partir da análise das práticas é que se deve descobrir qual é a "teoria embutida" ou quais são os fragmentos de teoria que estão na prática de cada um dos educadores, mesmo que não se saiba qual é essa teoria.

E como desembutir a teoria? O primeiro passo é ouvir os professores e saber qual é a visão que têm a respeito do que fazem e quais são as teorias ou fragmentos de teoria que estão sustentando as suas práticas. O formador poderá e deverá ajudar, por meio do diálogo, sobretudo,



---

valendo-se da *pedagogia da pergunta*. Trata-se de valorizar o saber de experiência feito dos professores e construir pontes entre esses saberes e novos aportes teóricos selecionados, sempre que necessário, para confrontar a teoria embutida subjacente às práticas dos docentes. Esse confronto entre teorias precisa ser compreendido e analisado no bojo de condicionamentos históricos e do avanço das produções em cada área do conhecimento.

Esse momento da formação não é simples. Expor-se em grupo e apresentar as suas práticas, para discuti-las, é sempre uma situação delicada porque os professores tem uma história de formação e práticas instaladas nas quais acreditam e nem sempre se dispõem a alterá-las. No entanto, não há como fazer diferente porque, para ser efetivo, o trabalho de formação, de acordo com os princípios freirianos, as perguntas que, de fato incomodam os professores, no sentido de melhorar a ação docente, surgem de suas práticas, de seu trabalho na escola. Assim, a formação é concomitante ao fazer pedagógico, jamais separando teoria e prática.

Giroux adverte que:

[...] a teoria não pode se reduzir a ser percebida como soberana sobre a experiência, capacitada a fornecer receitas para a prática pedagógica. Seu valor real reside em sua capacidade de estabelecer possibilidades de pensamento reflexivo por parte daqueles que a utilizam; no caso dos professores, torna-se inestimável como um instrumento de crítica e de compreensão. (1986, p. 38).

Uma formação como essa que aqui é proposta, precisa contar com condições que favoreçam o trabalho em grupo, que regulamentem o estudo em horário de trabalho, que gerem um clima de confiança e solidariedade, contribuindo para a elevação da autoestima e valorização do professor. A organização do trabalho requer, também, a possibilidade de criar práticas e materiais didáticos, explorar diferentes linguagens e formas de conhecer, e a valorização dos diferentes saberes numa relação de respeito e simetria. Essas condições permitirão uma consciência comprometida com a ação que implica pensar e agir coletivamente no enfrentamento das situações de opressão.

A formação permanente dos educadores, como foi aqui desenvolvida, é um caminho para o desenvolvimento de um novo PPP. Embora considerando que essa formação esbarra, por vezes, em condições objetivas adversas e carrega tensões geradas por essas condições evidenciadas em momentos de silêncio, ceticismo e subvalorização do diálogo, é fundamental ter clareza que a transformação não se faz sem conflito porém, é necessário cultivar uma esperança ativa.

Vale lembrar que a conquista de condições objetivas, embora necessárias, não é suficiente para que um novo paradigma de formação permanente, como é a proposta de Freire, seja bem sucedida. É importante destacar que uma mudança de práticas de formação vai requerer adesão a

---

novos valores, revisão crítica das crenças que se tem, assunção de novos compromissos, paciência/impaciente, tolerância e a busca de aliados.

É preciso recusar o otimismo ingênuo de que a formação permanente ‘pode tudo’, assim como o pessimismo mecanicista de que só se pode alguma coisa depois de conseguir transformações infraestruturais. A concretização de uma escola democrática, horizonte do PPP, passa por necessárias transformações na formação dos professores, na perspectiva da educação problematizadora, exigindo um caminhar simultâneo na direção de um currículo humanizador e crítico.

## REFERÊNCIAS

- APPLE, Michael W. *Can education change the society?* New York: Routledge, 2013.
- APPLE, Michael W. Freire, neoliberalismo e educação. In: APPLE, Michael W; NÓVOA, Antônio (Orgs.). *Paulo Freire: política e pedagogia*. Porto: Porto Editora, 1998.
- BRASIL. 1996. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.
- CORTELLA, Mário Sérgio. Paulo Freire: utopias e esperanças. *Debates em Educação*. Maceió, v. 2, n. 3, p. 1 – 17, jan./jun. 2010.
- \_\_\_\_\_. Paulo Freire: um pensamento clássico e atual. *Revista e-Curriculum*. São Paulo, v.7, n.3, dezembro de 2011. Disponível em: <http://www.pucsp.br/ecurriculum>. Acessado em 20/06/2013.
- FREIRE, Paulo. Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (Org.). *Pesquisa participante*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.
- \_\_\_\_\_. *A educação na cidade*. 1. ed. São Paulo: Cortez Editora, 1991.
- \_\_\_\_\_. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Educação e mudança*. 23. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Política e educação*. São Paulo: Editora Cortez, 1993a.
- \_\_\_\_\_. *Professora sim tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Editora Olho d’Água, 1993b.
- \_\_\_\_\_; FREIRE, Ana Maria Araújo; OLIVEIRA, Walter Ferreira de. *Pedagogia da Solidariedade*. Indaiatuba: Villa das Letras Editora, 2009.
- \_\_\_\_\_; SHOR, Ira. *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1986.
- GALEANO, Eduardo. *As palavras andantes*. Tradução de Eric Nepomuceno. 4. ed. Porto Alegre: L & PM Editores, 1994.
- GIMENO SACRISTÁN, José. *A educação que ainda é possível*. Porto Alegre: ArtMed, 2007.
- GIROUX, Henry. *Teoria crítica e resistência em educação: para além das teorias de reprodução*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- NÓVOA, Antônio. Paulo Freire (1921-1997): A “inteireza” de um pedagogo utópico. In: APPLE, Michael W; NÓVOA, Antônio (Orgs.). *Paulo Freire: política e pedagogia*. Porto: Porto Editora, 1998.
- REORIENTAÇÃO CURRICULAR. Vídeo dirigido aos professores da SME/SP, 1989. Disponível em: [http://www.youtube.com/watch?v=JGxXAul\\_5f4](http://www.youtube.com/watch?v=JGxXAul_5f4). Acessado em 20/06/2013.

---

SAUL, Ana Maria et al. *Tramas conceituais freirianas: uma prática de ensino e pesquisa construída na Cátedra Paulo Freire da PUC/SP*. 2012. Disponível em: <http://www.redefreireana.com.br>. Acessado em 20/06/2013.

\_\_\_\_\_. Currículo. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

## **RESUMO**

Esse artigo apresenta um quadro de referência para resignificar o Projeto Político Pedagógico (PPP) no sentido de entendê-lo como reflexo dinâmico de decisões curriculares, constituindo-se em 'expressão viva' do que acontece/ acontecerá na escola, na direção da melhoria da qualidade social da educação. Uma preocupação recorrente evidenciada na prática tem sido como fazer o PPP 'sair do papel' e transbordar para o cotidiano da escola, instituindo-se em apoio significativo para a comunidade escolar. O pensamento de Paulo Freire, inscrito no marco teórico de uma educação a favor da emancipação do ser humano, é o referencial utilizado nessa tessitura de um novo Projeto Político Pedagógico e na discussão da formação dos educadores, condição para pensar/fazer currículo, na perspectiva crítico-libertadora.

**Palavras-chave:** Currículo. Projeto político-pedagógico. Paulo Freire.

## ***CHANGING IS DIFFICULT BUT IT IS NECESSARY AND URGENT: A NEW SENSE FOR THE SCHOOL POLITICAL PEDAGOGICAL PROJECT***

### **ABSTRACT**

This article presents a reference framework to reframe the Political Pedagogical Project (PPP) in a way to understand it as a dynamic reflex of the curricular decisions that take place in the school, constituting itself as a 'vivid expression' of what happens/will happen at school, in the direction of improving the social quality of education. A recurring concern, evidenced on practice, have been how to make the PPP 'come out of the paper' and spill over into the everyday life, becoming a significant support to the school community. The thought of Paulo Freire, enrolled in the theoretical framework of an education in favor of the emancipation of the human being, is the framework used to weave a new Political Pedagogical Project and in the discussion of teachers education, condition for thinking/doing curriculum, in critical-liberating perspective.

**Keywords:** Curriculum. Political pedagogical Project. Paulo Freire.